

ESPELHO – REFLEXO, CONTEMPLAÇÃO, PERCEPÇÃO E RECONHECIMENTO

Quando a mulher negra descobre a beleza de sua existência.

Andréa Nascimento¹

[...] disse para eu fechar os olhos e imaginar como eu era, com o que me parecia, e depois podia abrir os olhos e o espelho me diria se o que eu tinha imaginado era verdade ou mentira. Eu sabia que tinha a pele escura e o cabelo duro e escuro, mas me imaginava parecida com a sinhazinha. Quando abri os olhos, não percebi de imediato que era a minha imagem [...] eu já tinha me visto nas águas de rios e de lagos, mas nunca com tanta nitidez. [...] foi que percebi para que servia o espelho. Era como a água muito limpa, coisa que, aliás, ele bem parecia. Eu era muito diferente do que imaginava [...] e durante alguns dias me achei feia [...] E assim foi até o dia em que comecei a me achar bonita também, pensando de um modo diferente e percebendo o quanto era parecida com a minha mãe. (GONÇALVES, 2009, p. 61)

*Oré Yeyéo Òṣun!*²

Se a mulher negra estivesse de frente para um espelho e olhasse para trás de si, qual seria a contribuição e a determinação que o olhar para o passado, em todas as suas nuances de representação, poderia trazer para o fortalecimento da sua consciência de si, de sua história e seu lugar no mundo? Ainda diante deste espelho, em sua frente, olhando para sua imagem refletida nele, no presente, o que ele reflete revela a representação real de quem ela é, ou daquilo que ela deve parecer ser? Diante do espelho, ela consegue reconhecer a própria imagem? Que haja luz!

Tudo começou quando um dia ela se olha no espelho e não se vê... De quem era aquele reflexo? Era uma imagem nítida diante de si, porém não compreendia o seu eu. Havia toda uma aura que a envolvia, como se o seu ser estivesse cativo atrás de uma máscara e uma nuvem de tinta branca. Voltando-se para dentro de si, ela sabia quem era. Olhando novamente para o espelho, entendeu que aquela imagem refletida não era ela, era como uma alucinação. Em silêncio se questionava: O que

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGF IFCS UFRJ. E-mail: andrea-nascimento@outlook.com.

Gostaria de expressar meus agradecimentos ao professor Wallace de Moraes (UFRJ) pela orientação e ao amigo Cello Latini pela colaboração com a revisão deste trabalho.

² Saudação em Iorubá a orixá Oxum que significa: Bondosa e graciosa mãe Oxum!

fizeram de mim? Em resposta, compreendeu que fizeram dela a imagem e semelhança daquela onipresença que dominava o seu mundo. Ela percebeu que seu corpo, o território primeiro do seu ser, fora ocultado, aprisionado. Estendeu as mãos para o espelho, olhou em seus olhos, depois as voltou para o seu rosto... Era preciso desconstruir aquela imagem para revelar-se ao mundo como ela era de verdade. Foi nesse momento que ela entendeu que aquele não era mais o seu lugar.

Embora invisibilizada e silenciada, ela pôde compreender que a construção da nossa identidade vem do lugar em que a presença negra importa. Na medida em que conhecemos e aceitamos nossos sentimentos, de como nós podemos nos conectar com a nossa verdade e entender como essa verdade nos guia nessa jornada da existência (BALDWIN, 2016).

Foi quando lembrou sua infância: no tempo em que, ainda menina, caminhando sobre as folhas que caíam de uma árvore, sentindo seu perfume ao pisar sobre elas, como o vento a agitar as folhas, Oxóssi apareceu diante dela, ela curvou-se aos seus pés, em sinal de respeito e o saudou: *Okê Bambô, Okê Arô, baba mi Òsòsisi!*³ De joelhos, beijou suas mãos. Ele a ergueu, a abraçou forte, tocou em seu Ôrí⁴, sua cabeça e com um gesto grandioso lhe disse: Filha, vá além! Caminhe sobre este mundo, entre nos lugares que outrora foram negados aos seus ancestrais e diga para eles quem nós somos.

A casa grande do mundo ocidental não suporta quando a nossa cosmovisão nos encontra e nos permite pensar fora da sua razão, ela ignora esse saber. Nós somos a nossa história, a história de uma reconstituição e de uma ressignificação de afetos forjados a partir do lugar da opressão, da exclusão, da diferença, do apagamento. Onde o branco, a grande metáfora de poder, se estabeleceu como norma. Vivemos em um mundo onde, em toda a sua estrutura, não se criou um espaço para que nós, mulheres e homens negros, pudéssemos nos expressar. Um lugar onde somos coagidos a nos apropriar de uma identidade que não é a nossa. Essa condição é algo que dilacera a nossa percepção da realidade e de nós mesmas. Do ponto de vista ontológico, o quadro conceitual de gênero imposto às mulheres negras, colonizadas, escravizadas, as feriu com o estigma de fêmeas bestiais, um atributo

³ Saudação em Iorubá ao orixá Oxóssi que significa: Grande e valente caçador, meu pai Oxóssi!

⁴ Importante conceito metafísico Iorubá, palavra que significa cabeça e refere-se à intuição, ao destino e a memória ancestral.

desumanizante que trouxe como consequência o desequilíbrio da sua própria percepção de si, do próprio tecido da sua concepção da realidade, do outro e de suas relações.

Sou eu quem me olha no espelho, e esta afirmação do eu no mundo só é possível através dos meus sentidos e da minha capacidade cognitiva de compreendê-lo. É dessa forma que construo a minha relação, minhas experiências. É nesta afirmação do meu eu epistemológico que afirmo a minha existência no mundo. Olhar, tocar, sentir, pensar, lembrar, independentemente dos atravessamentos opressivos que nos subjugam e nos invisibilizam, nos silenciam, aquela parcela do ser, o eu, sempre sabe a verdade, mesmo sendo obrigado a negá-la para sobreviver. Essa relação revela que a minha verdade em relação ao mundo somente eu posso afirmar.

Beatriz Nascimento (1989), quando trata da dimensão do sagrado que vem com a ancestralidade que compõe a nossa história, fala do Ôrí, a cabeça, o topo, o destino de cada um de nós, como um elo atemporal que circula entre passado, presente e futuro na organização do nosso ser e na imagem que irá reconstituir a nossa identidade. Ela diz:

Ôrí significa uma inserção a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito e só por aqueles que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma e se complete com o seu passado, com o seu presente, com o seu futuro, com a sua origem e com o seu momento... Então toda dinâmica desse nome mítico, oculto, que é o Ôrí, se projeta a partir das diferenças, do rompimento numa outra unidade. Na unidade primordial que é a cabeça, o núcleo. O rito de iniciação é um rito de passagem, de uma idade para outra, de um momento para outro, de um saber para outro, de um poder atuar para outro poder atuar. (NASCIMENTO, 1989)

Entendemos que, na busca pela nossa história e o encontro com a nossa ancestralidade, além de resgatar nossa cultura e o saber que nos compreende em essência, somos capazes de vivenciar a constituição de uma identidade concebida na resistência. Como afirma María Lugones (2014), temos a possibilidade da produção de uma subjetividade que resiste, que se constrói e é construída pela situação, como algo que vai além da opressão, ao fornecer materiais que nos permitem compreender a situação, sem sucumbir a ela. Tecendo o conhecimento da nossa humanidade e do nosso lugar no mundo.

Esse é o momento em que a mulher negra se depara com a verdade de sua existência, e compreende que precisa buscar o significado e a profundidade do seu

ser, para emergir na sociedade como sujeito de sua própria história. E, para se compreender de que forma viemos parar neste lugar, é fundamental lançar um olhar para o passado para entender que lugar é este que ocupamos que toda a vez que tentamos nos expressar, levantar a voz, ficar de pé e encarar esse mundo de frente, fazendo valer o nosso direito de estar aqui, isso é percebido como uma afronta, como um ataque a este sistema, esta estrutura de poder.

E, assim, vivemos sob o estigma da diferença e por tempo demais precisávamos ter que *performar* uma afinidade que nunca existiu, uma adesão a este sistema de identidade única que nunca nos pertenceu; buscávamos uma aceitação que nunca aconteceu, mas era preciso renunciar à nossa subjetividade para sobreviver. Só quem foi obrigado a viver essa experiência sabe o quanto custa, o quanto de si se perde nesse caminho. Era como se a nossa humanidade só fosse legitimada de acordo com um suposto padrão de ser humano ideal.

Estava posta a perspectiva racista de padrão de poder, a racialização em que uma raça se posiciona como superior a outra, ou seja, o branco colonizador, superior ao negro africano escravizado. Juntamente com essa ideia, se assume que a elaboração e a construção do conhecimento humano é fruto do pensamento ocidental. Onde se estabelece que a capacidade de reflexão e produção do pensamento lógico e simbólico, bem como a sua forma de organização, é uma faculdade característica do homem ocidental branco. Partindo dessa premissa, se constituía seu privilégio epistêmico em detrimento dos outros povos, os quais rapidamente foram classificados como primitivos, seres inferiores, incapazes de raciocinar, desprovidos de intelecto, desprovidos da razão ocidental.

Dessa forma, nos deparamos com o racismo epistêmico, que, de acordo com Ramón Grosfoguel (2016), dentro da perspectiva do colonialismo europeu, se constituiu como a ciência da superioridade euro cristã, segundo a qual, conscientemente, qualquer perspectiva de conhecimento que não fosse produzida por sua razão era prontamente desqualificada e classificada como inferior.

Sabemos que todo ser humano é capaz de produzir pensamentos lógico e simbólico, porém a ideia de dominação racial estabeleceu a diferença classificando como indignas outras formas de produzir conhecimento. Quando o homem branco europeu se coloca como a referência de ser humano, ele toma para si a supremacia do saber, da racionalidade e, portanto, somente ele possui o domínio epistemológico.

A maneira que cada grupo social, cada civilização, possui de explicar a origem do mundo, dos seres humanos e de todas as coisas não pode permanecer sob o domínio de um grupo específico autodenominado como superior. As cosmologias são distintas e não podem ser classificadas de forma hierárquica, porque elas representam a maneira subjetiva de entender o mundo e a interpretação da vida humana. O pensamento é uma forma de contemplação e questionamento do mundo, de sua origem, seu devir, como se organiza, de seu conjunto de valores, elaborações sociais, tudo o que compõe o pensamento humano e as formas de produzir “juízos científicos” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 12). Essa capacidade é comum a todo ser humano indistintamente.

Quando essa inferioridade é imposta ao povo negro escravizado, por exemplo, nega sua capacidade intelectual e cognitiva, desqualifica sua experiência a partir da violência, da humilhação, que submete a história deste povo a uma lógica de aniquilação psicológica desumanizante, na qual se imprime como realidade a ausência de espírito da razão. Logo, este sujeito negro é compreendido apenas como um corpo, um objeto dominável, explorável por natureza.

Mogobe Ramose (2011), quando discute sobre filosofia africana, afirma que a experiência humana é o chão inescapável para o começo da marcha rumo à sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas. A faculdade de contemplar a vida, o mundo e refletir sobre ele é um atributo que pertence à dignidade humana. Logo, a produção de conhecimento de outros povos jamais poderia ser considerada inválida, a não ser pelo estabelecimento de uma retórica racista como relação de poder.

O impacto dessa superioridade da razão ocidental reside no fato de que se estabelece não só a desvalorização da produção de conhecimento, mas a extinção, o apagamento da cultura e da capacidade cognitiva do sujeito negro de se afirmar e se reconhecer no mundo. Esta perspectiva está pautada no discurso da supremacia da razão ocidental, um pressuposto narcisista que considera a si mesmo como universal. Trata-se do falso ideal, que coloca a concepção eurocêntrica de conhecimento no centro do discurso da dominação, sem considerar, claro, a própria especificidade e particularidade contida neste propósito. É a ideia da universalidade, que compreende

uma referência única, o homem branco heterossexual, cristão do norte global, ignorando toda uma pluralidade de experiências do restante do mundo.

[...] por trás do “(eu) penso” podemos ler que os “outros não pensam” ou não pensam adequadamente para produzir juízos científicos. Conseqüentemente, inicia-se, com Descartes, de maneira límpida e transparente, uma divisão entre aqueles que se autointitulam capazes de produzir conhecimento válido e universalizável e aqueles incapazes de produzi-lo. Todavia, o estabelecimento do maniqueísmo não para por aí. O “Penso, logo existo” não esconde somente que os “outros não pensam”, mas que os “outros não existem” ou não tem suficiente resistência ontológica, como menciona Fanon [...] A partir da elaboração cartesiana, fica clara a ligação entre o conhecimento e a existência. Em outras palavras, o privilégio do conhecimento de uns tem como corolário a negação do conhecimento de outros, da mesma forma a afirmação da existência de uns tem como lado oculto a negação do direito a vida de outros: a desqualificação epistêmica se converte em instrumento privilegiado da negação ontológica. (MALDONADO-TORRES *apud* BERNADINO-COSTA, MALDONADO-TORRES, GROSGOUEL, 2020, p. 12)

A inferioridade epistêmica, imposta ao negro escravizado e sua descendência, foi um argumento crucial, utilizado para proclamar uma inferioridade social biológica, abaixo da linha da humanidade. Inferioridade que assenta estas pessoas no limite desta estrutura de poder, onde se estabelece toda a sustentação por meio da exploração destes corpos negros.

Enquanto escravizados, além do genocídio em escala massiva, os africanos eram proibidos de expressar seu pensamento, de rezar ou de praticar suas cosmologias, saberes e visões de mundo. Objetificados, estavam submetidos e um regime de racismo epistêmico que proibia a produção autônoma de conhecimento (GROSGOUEL, 2016).

De todas as crueldades praticadas contra o ser humano, a humilhação, o esmagamento subjetivo provocado pelo processo de animalização é uma das cicatrizes mais profundas deixadas ao longo da história, pois o processo de colonização do ser e do corpo negro segue pressionando essa ferida histórica através do ainda existente racismo, na sua forma estrutural, em que as estruturas oficiais se organizam de forma a privilegiar o branco, colocando o negro fora desta ordem dominante, à margem.

Grada Kilomba (2019), ao definir a estrutura do racismo, aponta três características fundamentais: a primeira é a construção da diferença tendo a branquitude constituída como ponto de referência; a segunda é que as diferenças construídas são ligadas aos valores hierárquicos do estigma, da desonra e da

inferioridade, o preconceito; e, por fim, a terceira, na qual combina os processos anteriormente citados numa estrutura de poder histórico, político, econômico e social. Trata-se da união perversa do preconceito e do poder que fundamenta o racismo. O modo de vida do branco, sua visão de mundo, sua razão ainda são a referência aceitável a seguir. Somos impulsionados a aderir, copiar, reproduzir, mesmo tendo a consciência de que jamais seremos aceitos como iguais.

No tocante à mulher negra, no contexto contemporâneo, não adianta alisar seu cabelo crespo, pois nunca será equivalente à referência do cabelo liso determinado pela estética branca, eurocentrada. Não importa o quanto a mulher negra tenha de se sujeitar e passar por todo esse processo de transformação, o seu cabelo será sempre o cabelo crespo alisado, e vale ressaltar que com produtos químicos, quase tóxicos, de fabricantes brancos. Ainda que tentemos nos vestir ou mesmo *performar* padrões de comportamento como as mulheres brancas, ainda assim seremos sempre mulheres negras tentando se adaptar, se ajustar ou mesmo se conformar em submeter a sua subjetividade a um padrão opressivamente sugerido. Nas palavras de Lélia Gonzalez (1986): “a ideologia do embranquecimento estético destilou um veneno mortal não apenas no interior da comunidade negra, mas no falseamento da nossa própria história.” (GONZALEZ, 1986, p. 295)

Deixar-se dominar pela narrativa do padrão eurocêntrico de beleza significa ser violentada, ultrajada, gerando uma crise de negação do próprio corpo negro. Viver em uma sociedade em que a regra de humanidade é branca, muitas vezes, nos constrange a aceitar tal estigma e nos portar como branco para conseguir ultrapassar as barreiras que a sociedade nos impõe. Isso significa que todas as vezes em que tentamos ser aceitos como humanos, nos deparamos com a barreira da cor. Nossas formas, nossos traços físicos, nosso cabelo são rejeitados pela norma branca e isso traz consequências tanto objetivas quanto subjetivas. Toni Morrison trata desta questão de forma intensa na citação a seguir:

Era como se algum misterioso patrão onisciente tivesse dado a cada um deles uma capa de feiura para usar e eles a tivessem aceitado sem fazer perguntas. O patrão dissera: “Vocês são feios”. Eles tinham olhado ao redor e não viram nada para contradizer a afirmação; na verdade, viram sua confirmação em cada cartaz de rua, cada filme. “Sim”, disseram. “O senhor tem razão.” E tomaram a feiura nas mãos, cobriram-se com ela e como se fosse um manto e saíram pelo mundo. Cada um lidando com ela do seu jeito. (MORRISON, 2002, p. 35)

Na citação acima, o termo sujeito e a chance de se afirmar social e politicamente como eu é arrancada daquelas pessoas. Elas se veem como indivíduos desprovidos daquilo que poderia torná-los mais humanos, que, naquele caso, era o padrão eurocêntrico de beleza. O espectro da branquitude se coloca continuamente como presença para nos dizer como devemos ser, como devemos parecer, o que devemos fazer para ter a humanidade reconhecida. Estamos cotidianamente passando pelo crivo da avaliação branca; ainda que não sejamos admitidos como seus semelhantes, eles nos mostram que devemos interminavelmente nos esforçar. Como uma punição, ou penitência. Detentores de uma verdade absoluta, é como se a vida não tivesse relevância ou valor sem o seu olhar onipresente.

O imperativo narcisista dessa cultura eurocêntrica opressiva nos faz olhar apenas para eles, em vez de olhar para nós mesmos, para nossas experiências, nossa cultura e nossa história. É como um retorno ao caminho ancestral em torno da árvore do esquecimento. É a colonização do nosso ser marcada na nossa história. A arrogância do privilégio branco nos silencia e nos invisibiliza socialmente.

Despersonalização, a condição em que o sujeito negro só pode existir a partir de uma imagem alienada de si mesmo. Uma forma de violência simbólica, tão feroz no seu processo, que incorpora a inferiorização no inconsciente daquele que tem seu corpo colonizado. É a alienação do sujeito negro que não se reconhece e tenta embranquecer-se nos seus costumes, seu corpo e no seu pensamento. É o que Frantz Fanon (2008) chama de “embranquecimento alucinatório”. Particularmente para a mulher negra, significa ser alienada, silenciada, invisibilizada e, ainda, ser posta sob a condição da exotização e do fetiche.

Quando Frantz Fanon (1968) trata da perspectiva do racismo na América Latina, ele analisa a própria burguesia local que organiza suas ações recreativas, o turismo, como um parque de diversões para a burguesia (branca) ocidental, uma característica observada nos países subdesenvolvidos. E dentro deste contexto, um elemento marcante destas atividades são as mulheres latinas – negras e indígenas – fetichizadas como produto e objetificadas como parte integrante da paisagem, um ponto turístico a ser visitado, algo que torna evidente o caráter primeiro da erotização do seu corpo e o fortalecimento da ideia eurocêntrica da exotização, subtraindo sua presença como sujeito naqueles espaços.

A consequência do colonialismo na formação cultural e subjetiva da mulher negra, diante de todo um panorama histórico e cotidiano de opressão e apagamento social, é o trauma. Todo ser humano quer ser aceito como tal, precisa se afirmar como eu no mundo, somente a nossa própria experiência fala por nós. Não existe a possibilidade de nos livrarmos da nossa história e abandonar tudo o que somos, tudo o que aprendemos a ser, sendo. Diante desta perspectiva, María Lugones afirma:

Quero ver a multiplicidade na fratura do lócus: tanto o acionamento da colonialidade de gênero como a resposta de resistência a partir de uma noção subalterna de si, do social, de ente-em-relação, do cosmos, tudo enraizado numa memória povoada. Sem a tensa multiplicidade, vemos somente a colonialidade do gênero como algo já dado ou uma memória congelada, uma compreensão fossilizada do ser-em-relação a partir de uma noção pré-colonial do social. Parte do que vejo é movimento tenso, pessoas se movimentando: a tensão entre a desumanização e a paralisia da colonialidade do ser, e a atividade criativa de ser-sendo. Não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento. Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista. O passar de boca em boca, de mão em mão práticas, valores, crenças, ontologias, tempo-espacos e cosmologias vividas constituem uma pessoa. A produção do cotidiano dentro do qual uma pessoa existe produz ela mesma. (LUGONES, 2014, p. 949)

Não vivemos em uma sociedade onde podemos encontrar nossas próprias referências. A ausência desta referência e de formas de representação que nos compreendam como sujeitos da nossa própria história anula qualquer tentativa de autoafirmação.

A ausência de representação e apagamento histórico se fundamenta na violência do racismo, que permeia nosso imaginário através de uma construção social de atribuição de culpa, ou seja, uma justificação, para que esse sujeito da dominação e opressão possa se manter no lugar de um ser ideal. No contexto dessa cultura, desse imaginário, desse racismo como a violência, o opressor acredita que tenha algo a mais – o seu padrão civilizatório, a construção da razão ocidental –, a suposta superioridade racial fundamentada no epistemicídio, que, para ele, o coloca na posição de manipular outros povos, não brancos, porque possui aquilo que lhes falta: alma. A grande farsa da história que precisamos rasgar.

O mundo branco ocidental está sempre nos conduzindo no caminho da inferioridade cognitiva, da diferença, do silêncio, da submissão, da ausência, do esquecimento. A tentativa de nos embranquecer é como um ferro em brasa ferindo

nossa carne. Destruíram a nossa história, a nossa cultura, aquilo que nos representa, como destruíram o corpo de nossos ancestrais, que guardavam na memória toda uma estrutura de conhecimentos, a partir da violência física e simbólica. Ao se valer de afirmações como “os negros apresentam o mais baixo coeficiente de inteligência” em suas pesquisas de promoção de inferiorização, nos inserem no lugar de incapazes de adquirir e transmitir saberes sobre o mundo (GROSFOGUEL, 2016).

Há um poema de May Ayim⁵ (1985), chamado exotismo, que revela o processo de embranquecimento das narrativas, o apagamento da história dos povos escravizados a partir do narcisismo ocidental. Vale destacar a linguagem ofensiva do racismo nosso de cada dia.

exotismo

depois de primeiro terem me
denegrado
eles então mangaram de mim
para finalmente quererem me
es-clarecer
que é completamente
inadequado
ser nega-tiva

No imaginário da estrutura de poder em que estamos inseridos, nas periferias, a escravidão permanece como o lugar de origem das pessoas negras. E este estigma imposto pelo racismo está diretamente ligado à produção e à apropriação de uma imagem que submete o corpo negro ao lugar de subalternidade, é uma sombra que nos acompanha. Nos lugares por onde passamos, sempre existe a expectativa de que estejamos lá para apenas servir.

Toda essa imagem do pensamento dogmático, ocidental (DELEUZE, 2009), que se construiu do corpo negro, sobretudo do corpo negro feminino, pela norma branca ocidental, precisa ser descaracterizada. Precisamos protagonizar novas perspectivas e conferir visibilidade à nossa existência. Pois a construção desta mulher

⁵Poeta, pedagoga e ativista antirracista afro-alemã (1960 – 1996).

negra, em sua subjetividade, só poderá ser feita a partir da forma como ela interpreta o mundo. A formação do sujeito passa pela sua cultura, suas experiências e como ela compreende sua história. Não se pode contar a história de um povo, alienado de sua cosmologia, de sua visão holística, de sua forma de interpretação da vida. Somente o distanciamento da visão única ocidental representa um passo importante na superação e na transcendência desse estigma opressivo e dessa imposição colonialista eurocêntrica, que tanto falou por nós e que nos alienou de nós mesmos.

Audre Lorde (2020) fala da poesia como forma de resistência e um chamado a externar aquilo que está dentro de nós, a necessidade vital da nossa existência, que revela as nossas esperanças e medos esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias. Nosso revelar-se ao mundo a partir do nosso lugar, a partir da essência do modo de vida negra que nos forma. Ela diz:

Às vezes, podemos fazer um grande esforço para fundar uma verdadeira linha de frente de resistência às mortes que esperam que tenhamos, simplesmente para que essa linha de frente seja atacada ou ameaçada pelas farsas que fomos socializadas para temer, ou pela batida em retirada das aprovações que fomos orientadas a buscar por segurança. As mulheres nos vemos diminuídas ou amansadas por acusações pretensamente inofensivas de infantilidade, de falta de universalidade, de inconstância, de sensualidade. E quem é que pergunta: “Estou alternando sua aura, suas ideias, seus sonhos, ou estou simplesmente levando-as a tomar uma atitude temporária e reativa?”. E ainda que uma atitude reativa não seja de todo mal, é preciso analisá-la no contexto da necessidade de uma verdadeira mudança nos próprios alicerces da nossa vida. Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. (LORDE, 2020, p. 47-48)

A luta da mulher negra é para ter sua capacidade cognitiva, suas experiências reconhecidas. Como Lélia Gonzalez (1988) diz, tornar-se negra e negro é um ato de resistência política. O primeiro passo é saber a nossa verdade, é entender aquilo que nos encobre, que nos oprime, que nos julga e condena. A violência da negação de si próprio. A gente nega a si mesma e, com isso, perdemos a nossa consciência corporal e existencial, negando nossas experiências e nossa forma de ver o mundo. A gente vai se moldando pela negação, se tornando uma “carranca” que é a imagem da aversão imposta pela branquitude. Não somos brancos e, com isso, nos tornamos aberrações, abstrações cognitivas. Isso acontece quando o negro diz não sofrer racismo, quando aceitam as imposições do embranquecimento e da domesticação dos seus corpos.

O que é ser humano? É existir a partir das próprias experiências e agir a partir da própria essência que é a sua potência de ser no mundo. Se movimentar a partir das próprias emoções.

Não podemos mais tomar como nossa a imagem colonizada que nos oculta diante do espelho da vida. Precisamos romper com embranquecimento dos nossos corpos, vir à superfície e protagonizar histórias que nos identifiquem, a partir de experiências que nos confirmam representatividade e pertencimento. É preciso desconstruir a naturalização da reprodução do padrão eurocêntrico como única possibilidade para o sujeito negro. Nossa existência não pode ser pautada numa história de submissão e silenciamento, que não compreende nossos desejos, capacidades e afetos. São nossas referências que irão moldar a formação de uma consciência negra feminina.

Existe lucidez, discernimento, beleza no nosso modo de ver o mundo. Mesmo ocultadas pela colonização dos nossos corpos, conseguimos ver os nossos olhos e sabemos que nunca perdemos a nossa capacidade cognitiva de compreender que nossa essência nos pertence. Que nossa existência como eu no mundo sempre esteve dentro de nós. Que a nossa potência de existir pode ter sido ocultada, oprimida, reprimida, mas nunca suprimida. Os olhos que testemunharam toda forma de violência sofrida, seja ela simbólica, física, material, ao longo dessa história sempre foram os olhos que se viam e sentiam como o eu.

Por tudo isso, é o momento de externar aquilo já temos em nós como verdade: eu sou embargado em nossa voz por tanto tempo, para jamais oferecer a essa estrutura de poder a chance de nos subjugar novamente, pois o espaço da diferença e da submissão não é mais o nosso lugar. Esse é o valor raiz do nosso ser, da nossa resistência. É chegado o momento de formar nossos afetos e imprimir nossa herança cultural ancestral, protagonizando novas concepções, sentidos e possibilidades.

Mesmo por trás da máscara branca que nos mordaça e nos esconde, temos a consciência de que ainda somos portadoras de toda uma bagagem de conhecimento dentro de cada uma de nós. O lugar que chegamos no tempo e no espaço só foi possível na jornada da vida e da existência que nos compreende como ser humano. A expressão “eu sou o que sou” só se realiza porque nossas experiências nos conduziram até onde estamos.

Os olhos que fitam perplexos a imagem no espelho nos fazem compreender que, com apenas uma das mãos, podemos dissipar e arrancar aquilo que nos encobre de nossa frente. Isso tem valor. É ruptura com as correntes invisíveis da colonização do nosso corpo que não terão o poder de nos aprisionar nunca mais.

Temos dentro de nós a convicção de que é possível viver a nossa singularidade e diversidade, conviver na multiplicidade, sem que as experiências humanas sejam rejeitadas, ignoradas ou desrespeitadas. E quando um dia formos questionadas: Onde está a sua história? Onde repousa a sua construção subjetiva, mulher negra? Onde está aquilo que te formou?

Revelaremos com convicção e orgulho, do nosso jeito, destilando novos afetos, através de uma emoção incontida – quando a potência existente nas palavras será capaz de tirar o pensamento para dançar –, que a história da mulher negra está na musicalidade do seu povo. A história da mulher negra tem cheiro de folhas frescas e a sensação de brisa do rodar da saia rendada das nossas *iyá(s)*⁶. Tem o calor da fumaça perfumada, tem a quietude e a serenidade de se expressar com dignidade. Tem o acolhimento que te abençoa dentro de um abraço. Tem a emoção interna ancestral manifesta nos elementos, nas cores e matizes da natureza.

Sua essência tem sabedoria, tem um conhecimento de mundo que não a fragmenta, mas que a compreende em sua integridade. A colonização, a opressão, a razão nos fragmentaram, mas é chegada a hora de se reconstituir em toda a complexidade que nos compõe como ser humano. Sua cultura agrega as pessoas, sua cultura não julga. Em sua memória ancestral, a mulher negra brilha no centro da vida e tudo acontece ao redor da roda da sua saia. Ela é o mundo em movimento que nos impulsiona para frente, sem jamais nos deixar esquecer de onde viemos. Temos uma herança ancestral que nos faz entender a importância de se construir a vida em convergência e coletividade. A sua cultura lhe ensinou que ela vem de um lugar no mundo onde filho de um é filho de todas. Ela sabe que a luz da existência, que a conduz e ilumina o seu ser, a permite, com toda sua humanidade, contemplá-la e, ao mesmo tempo, ser contemplada por ela. No espelho da vida que nos formou, sabemos que somos a mais formosa potência de existir. Entendemos que o ar, que nos dá o folego da existência, tem a resplandecência ancestral em sua vivacidade.

⁶ Termo *Iorubá* que significa mãe.

Agora, olhe para dentro de si e encontre sua história e siga em frente estendendo a mão para aquelas que irão caminhar contigo. É importante lembrar que a coroa da existência e da essência da vida que envolve nossa cabeça, nosso Ôrí, representa a consciência coletiva daquilo que nos une, a resistência. Quando nos encontramos com todos os saberes que nos formaram como sujeitos de nossa própria história, somos capazes de entender, também, quanta perseguição, quanta coerção e quanto silêncio também nos compõem.

Quando se volta o olhar para a vida, para a maneira de existir cotidiana, consegue-se perceber as variadas formas de percepção e vivências na interpretação diária do mundo. Isso revela que o conhecimento não pode ser uma imposição vertical, pois sua produção não acontece fora das relações sociais, materiais, simbólicas, horizontais.

Somos donas da nossa capacidade de conhecer e reconhecer o mundo e a vida, a partir das nossas experiências. De reconstituir imagens a partir de experiências de liberdade configuradas fora da perspectiva ocidental.

Compreendemos que, de posse de tudo isso, olhar-se no espelho novamente é um ato revolucionário, em que escolhemos nos assumir como somos e rompemos, definitivamente, com a opressão que nega nossa existência. Olhar-se no espelho novamente, despida do estigma da diferença, é reconhecer o nosso valor, nossa dignidade. Isso coloca as nossas certezas no lugar. Um passo importante para construção daquilo que nos define como sujeitos, nossos valores, significados, nossas formas de representação, identificação e pertencimento. Que irá revelar nossa singularidade, totalidade e valor na nossa existência. Por fim, que esta determinação como elaboração da realidade seja o amanhecer da nossa presença confirmada a partir de experiências de liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYIM, May. *Blues in Schwarz Weiss: Gedichte*. Orlanda Frauenverlag:Berlin, 1995.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. Orgs. *Decolonialidade de pensamento afrodiaspórico*. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTRO, Susana de. *O Feminismo Decolonial*. Revista Cult. São Paulo. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-feminismo-decolonial/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In *Critical Race Theory* edited by Kimberlé Crenshaw, Neil Gotanda, Gary Peller, and Kendall Thomas. New York, The New Press. 1995.

CURIEL, Ochy. *Descolonizando el feminismo: Una perspectiva desde America Latina y el Caribe*. Parte de esta ponencia fue presentada en el Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista realizado em Buenos Aires, s/p. 2009.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009a.

DE MORAES, Wallace. *As Origens do Necro-Racista-Estado no Brasil – Crítica desde uma perspectiva Decolonial & Libertária*. Revista Estudos Libertários UFRJ. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/39358>>. Acesso em: 06 de novembro de 2020.

_____. *Vídeo Aula Decolonialidade e Gênero – Texto de María Lugones*. Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias – CPDEL UFRJ. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nWbnbVEwoTg>>. Acesso em: 03 de novembro de 2020.

ERVIN, Lorenzo Kom'Boa. *Anarquismo e Revolução Negra e outros textos de anarquismo negro*. São Paulo: Sunguilar, 2015.

ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. São Paulo: EDUSP, 2015.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Minas Gerais: Editora UFJF, 2010.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora EDUFBA, 2008.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera das rosas negras*. São Paulo: UCPA, 2018.

_____. *A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social*. Raça e Classe, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988d.

_____. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

GROSGOUEL, Ramon. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. In: *Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, V. XI, Issue 1, 2013.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. *Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

_____. *Olhares Negros: Raça e Representação*. São Paulo, Elefante, 2019.

I AM NOT YOUR NEGRO. James Baldwin. Direção: Raoul Peck. Produção: Remi Grellety, Raoul Peck, Hebert Peck. Paris: Velvet Film, 2016, (93min.).

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaio e Conferência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUGONES, María. *Colonialidade de gênero*. Tabula Rasa. Bogotá. Nº 9: 73-101, julho – dezembro, 2008.

_____. *Rumo ao feminismo decolonial*. Estudos Feministas. Florianópolis, setembro – dezembro. 2014.

_____. *Multiculturalismo radical y feminismo de lãs mujeres de color*. Revista Internacional de Filosofía Política, Madrid, n. 25. Traducción de Joaquín Rodríguez Feo. 2005.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NASCIMENTO, Andréa. *Espelho*. Vídeo apresentado no Festival do Conhecimento da UFRJ 2020. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YSf3jQsAmE&list=PLs_n0oj-a3rnQ-Wqs71R2gi9ln_CTQ80e&index=23>. Acesso em: 08 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA DE JESUS, Jessica Flavia. *May Ayim e a Tradução de Poesia Afro diaspórica de Língua Alemã*. Florianópolis, 2018.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Roteiro de Beatriz Nascimento. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em: <<https://tamandua.tv.br/default.aspx>>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.

OYEWÙMÍ, Oyèronké, *La invencion de las mujeres. Uma perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género*. Bogotá: Em la frontera, 2017.

RAMOSE, M. B. *Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana*. Ensaios Filosóficos, Volume IV, 2011.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Luiz: Tipografia do Progresso, 1859.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In. LANDER, Edgardo. Org. *A Colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-Americanas*. Argentina. 2005. pp. 107 – 130. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.